



APRESENTAÇÃO

AINDA ASSIM, NÓS NOS ERGUAMOS: PRÁTICAS INTERSECCIONAIS DE RESISTÊNCIA

Bruna Carolini Barbosa
Universidade Estadual do Norte do Paraná

Kleber Aparecido da Silva
Universidade de Brasília/CNPq

*You may write me down in history
With your bitter, twisted lies,
You may tread me in the very dirt
But still, like dust, I'll rise.
(...)*

*Bringing the gifts that my ancestors gave,
I am the dream and the hope of the slave.
I rise
I rise
I rise.
(Maya Angelou)*

Com a força poética e política de Maya Angelou, abrimos este Dossiê temático como quem ergue uma voz ancestral para desafiar silenciamentos e reescrever a história. Seu poema *Still I Rise*, que inicia este volume, não apenas inspira, mas encarna os princípios que sustentam este conjunto de reflexões: a denúncia das violências estruturais de raça, gênero e classe; a valorização da experiência vivida como conhecimento legítimo; e a afirmação da resistência como prática cotidiana e coletiva.



Nos versos de Angelou, a interseccionalidade aparece como insubmissão. Quando pergunta “*Does my sassiness upset you?*” ou afirma “*I am the dream and the hope of the slave*”, a poeta mobiliza linguagem, corpo, memória e denúncia para construir uma ética de recusa – à dor naturalizada, ao apagamento histórico, à marginalização epistêmica. Sua poética incorpora também o desejo, o riso e a esperança como dimensões da vida que não estão dissociadas da luta política. A presença negra e feminina, nesse texto, é um levante contra os discursos hegemônicos e uma convocação à reexistência.

Não por acaso, Patricia Hill Collins – cuja obra ancora teoricamente este dossiê – dedica atenção especial a Maya Angelou em seu livro *Pensamento Feminista Negro*. Collins reconhece a importância da autobiografia *I Know Why the Caged Bird Sings* como exemplo paradigmático de uma epistemologia baseada na experiência vivida. Angelou relata, com profundidade e coragem, sua trajetória marcada pelo estupro na infância, pela vivência do colorismo e pela interiorização de padrões estéticos racistas. Ao mesmo tempo, exalta o papel das mulheres negras mais velhas – mães, avós e mentoras – como guardiãs e transmissoras de saberes essenciais à sobrevivência e à dignidade. A escrita de Angelou, como destaca Collins, não apenas testemunha a violência racial e sexual, mas também a transforma em potência coletiva de resistência. Sua voz representa um modo radical de dizer o indizível, inscrevendo-se em uma tradição intelectual negra que reivindica dignidade, justiça e liberdade.

Como ponto de partida simbólico e político, propomos a leitura dos versos do poema *Still I Rise*, de Maya Angelou, como uma chave poética para o entendimento da interseccionalidade como prática de resistência. O poema encarna os princípios que norteiam este dossiê: o enfrentamento da história contada a partir da perspectiva da denúncia da opressão e da violência de raça,



gênero, entre outros marcadores, bem como a reconfiguração da subjetividade negra como forma de insurgência e, sobretudo, recusa ao apagamento.

No centro das reflexões apresentadas neste volume, encontra-se a obra da socióloga Patricia Hill Collins, uma das principais expoentes do pensamento feminista negro. Ativista, professora de sociologia e pesquisadora da Universidade de Maryland (EUA), Collins tem dedicado sua trajetória acadêmica ao debate sobre raça, gênero e sexualidade. Sua pesquisa destaca o papel da autodefinição e da recuperação da própria voz como elementos centrais na produção de conhecimento comprometido com a justiça social e com a emancipação de mulheres negras. Ao desafiar o apagamento promovido pelo racismo institucional e estrutural, Collins apresenta a resistência intelectual como um caminho para a transformação social. Sua obra representa um modo de resistir às múltiplas formas de opressão, articulando experiências individuais e coletivas a estruturas mais amplas de poder. Ao propor um conhecimento situado, que valoriza as vozes historicamente silenciadas, ela oferece uma metodologia de análise que subverte paradigmas hegemônicos e convida à ação reflexiva em prol da justiça.

A esse debate somam-se também autoras como Lélia Gonzalez e Carla Akotirene, cujas contribuições têm sido fundamentais para a consolidação de uma perspectiva interseccional situada no contexto latino-americano e afro-brasileiro. Lélia Gonzalez, ao pensar a categoria política 'amefricanidade', já delineava a importância de uma leitura que articulasse racismo, sexismo e colonialidade nos processos de subjetivação e exclusão das populações negras nas Américas. Sua crítica à invisibilização da mulher negra nos feminismos hegemônicos permanece incontornável. Já Carla Akotirene, em sua formulação contemporânea, compreende a interseccionalidade como uma sensibilidade analítica que impede os reducionismos identitários e denuncia os



fluxos e colisões entre diferentes estruturas de opressão — como racismo, sexismo, cis-heteronormatividade e elitismo — que organizam o mundo moderno-colonial. Ao articular teoria e prática, Akotirene atualiza a interseccionalidade como uma ferramenta crítica e política imprescindível para a transformação social e para a construção de projetos coletivos comprometidos com a justiça racial e epistêmica. Sua obra representa um modo de resistir às múltiplas formas de opressão, articulando experiências individuais e coletivas a estruturas mais amplas de poder. Ao propor um conhecimento situado, que valoriza as vozes historicamente silenciadas, ela oferece uma metodologia de análise que subverte paradigmas hegemônicos e convida à ação reflexiva em prol da justiça.

O pensamento feminista negro, conforme proposto por Patricia Hill Collins, parte da vivência concreta de mulheres negras como ponto de partida epistemológico e político. Trata-se de uma perspectiva que não apenas denuncia as múltiplas formas de opressão, mas que também propõe a construção coletiva de saberes a partir das redes de solidariedade, das tradições orais, das práticas comunitárias e da resistência cotidiana. No interior desse pensamento, a interseccionalidade emerge como categoria fundamental: ela descreve a articulação entre diferentes eixos de dominação — como racismo, sexismo, classismo e heteronormatividade — que operam de forma simultânea e interdependente. A interseccionalidade não é, portanto, a simples soma de opressões, mas um modo de compreender como as estruturas sociais produzem desigualdades específicas e localizadas, exigindo análises comprometidas com a complexidade das experiências humanas e com a transformação das condições de vida. O pensamento feminista negro, conforme proposto por Patricia Hill Collins, parte da vivência concreta de mulheres negras como ponto de partida epistemológico e político. Trata-se de



uma perspectiva que não apenas denuncia as múltiplas formas de opressão, mas que também propõe a construção coletiva de saberes a partir das redes de solidariedade, das tradições orais, das práticas comunitárias e da resistência cotidiana. No interior desse pensamento, a interseccionalidade emerge como categoria fundamental: ela descreve a articulação entre diferentes eixos de dominação – como racismo, sexismo, classismo e heteronormatividade – que operam de forma simultânea e interdependente. A interseccionalidade não é, portanto, a simples soma de opressões, mas um modo de compreender como as estruturas sociais produzem desigualdades específicas e localizadas, exigindo análises comprometidas com a complexidade das experiências humanas e com a transformação das condições de vida.

As contribuições reunidas neste dossiê dialogam diretamente com essa perspectiva. Partem do reconhecimento de que as desigualdades sociais não são isoladas ou hierarquicamente organizadas, mas coexistem e se entrelaçam em formas complexas e persistentes de exclusão. As análises demonstram que compreender as relações sociais, culturais e políticas contemporâneas exige atenção às intersecções entre raça, gênero, classe, sexualidade, geração e território.

A organização dos textos em quatro grandes seções não busca rigidamente compartimentar os debates, mas *evidenciar constelações temáticas* que atravessam o dossiê: (1) epistemologias, literatura e imagens de controle; (2) corpos, identidades e experiências interseccionais; (3) políticas públicas, direitos humanos e justiça social; e (4) resistência, práticas comunitárias, cultura e emancipação.



SEÇÃO I - Epistemologias Interseccionais, Literatura Negra e Imagens de Controle

Esta seção congrega artigos que discutem a produção do conhecimento, a literatura negra e os dispositivos simbólicos que sustentam a dominação racial, de gênero e de classe, dialogando diretamente com os conceitos de opressão epistêmica, imagens de controle e autodefinição, centrais no pensamento de Patrícia Hill Collins.

O artigo *"Paulina Chiziane, o lugar seguro e a construção da resistência feminina em Niketche"*, as autoras analisam o romance *Niketche: uma história de poligamia* como espaço privilegiado de elaboração da resistência feminina negra. A partir da trajetória de Rami, as autoras evidenciam como raça, gênero e classe se entrecruzam na experiência das mulheres moçambicanas, destacando a literatura como lugar de construção de consciência crítica, sororidade e criação de "espaços seguros", categoria cara a Collins.

Em *"Imagens de controle e a circulação dos textos literários das mulheres negras no Brasil (1860–1920)"*, a autora investiga a trajetória de Maria Firmina dos Reis, articulando interseccionalidade e trajetória social. Ao evidenciar os mecanismos de invisibilização no campo literário brasileiro, o texto demonstra como imagens de controle operaram historicamente para restringir o reconhecimento das escritoras negras, ao mesmo tempo em que destaca as *escrevivências* como forma de insurgência narrativa.

Ainda no campo das representações, *"Imagens de controle: um conceito de Patrícia Hill Collins para pensar os negros africanos em livros didáticos de Geografia"* analisa criticamente materiais do PNLD, revelando a persistência de estereótipos raciais que reproduzem a África como espaço de subalternidade. O artigo demonstra como a escola se constitui como espaço de reprodução da opressão epistêmica, mas também como campo estratégico de disputa.



Por fim, *“Racismo antinegro bidimensional: ‘ciência’ e desconstrução”* resgata a genealogia do racismo científico europeu, evidenciando como a ciência foi instrumentalizada para legitimar hierarquias raciais. O artigo reafirma a necessidade de desmontar esses fundamentos ideológicos ainda presentes na produção acadêmica contemporânea.

SEÇÃO II - Corpos, Identidades e Experiências Interseccionais

Os textos desta seção focalizam as experiências corporais e identitárias de sujeitos negros atravessados por múltiplas opressões, evidenciando como a interseccionalidade opera no cotidiano, nas instituições e nos processos subjetivos.

O artigo *“‘Outros’ adolescentes e/ou outras adolescências?”* analisa dados da PNAD para compreender a evasão escolar e o trabalho infantil entre adolescentes negros. A partir da interseccionalidade, o texto demonstra como raça, classe, gênero e geração produzem vulnerabilidades específicas, tensionando leituras universalizantes da adolescência e do Estatuto da Criança e do Adolescente.

A experiência universitária aparece de forma contundente em *“E não sou uma mulher?”*, que analisa imagens de controle – como a da “jezebel” – na trajetória de mulheres negras em universidades públicas, revelando a persistência de violências raciais e sexistas mesmo em espaços institucionalmente legitimados.

O artigo *“Mulher negra com deficiência visual na Psicologia”* articula interseccionalidade e cosmopercepção yorubá para refletir sobre as experiências de uma estudante negra com deficiência visual. O texto amplia os



debates sobre capacitismo, epistemologia e descolonização do conhecimento a partir da experiência sensorial e existencial.

Já *“O significado de emancipação para as mulheres negras brasileiras”* propõe uma metanálise de discursos de mulheres negras sobre trabalho e emancipação, revelando a emancipação como processo cotidiano de ruptura com estruturas racistas e não como estado plenamente alcançado.

SEÇÃO III - Políticas Públicas, Direitos Humanos e Justiça Social

Nesta seção, os artigos discutem a aplicação da interseccionalidade na análise e formulação de políticas públicas, direitos humanos e estruturas institucionais, evidenciando limites e possibilidades de transformação social.

O artigo *“Intersecção gênero, classe e raça: o racismo e a população transexual”* destaca os desafios enfrentados por pessoas trans negras, defendendo a centralidade de uma atuação antirracista no Serviço Social e nas políticas públicas.

Em *“A baixa representatividade das mulheres negras no Congresso Nacional”*, a análise interseccional evidencia como as ações afirmativas frequentemente falham ao não considerar a sobreposição de opressões que afetam mulheres negras, mantendo-as no ponto cego da política institucional.

O texto *“Políticas públicas de saúde para mulheres negras no Brasil”*, aborda a saúde como campo atravessado por desigualdades raciais, territoriais e de gênero, defendendo políticas públicas que reconheçam saberes locais, práticas comunitárias e especificidades regionais.

O artigo *“Além da universalidade branca e cisheteronormativa”* tensiona os fundamentos dos direitos humanos, demonstrando como a



interseccionalidade contribui para desarticular a noção do “não-ser” e ampliar o reconhecimento de outras humanidades.

SEÇÃO IV - Resistência, Cultura, Práxis e Emancipação

A última seção reúne artigos que enfatizam práticas culturais, comunitárias e pedagógicas como formas de resistência e construção de justiça social.

O artigo *“Resistência epistêmica e construção de espaços seguros”* analisa experiências de extensão universitária com mulheres negras do semiárido baiano, demonstrando como a articulação entre teoria e práxis produz bem viver e fortalecimento comunitário.

Em *“Notas sobre uma práxis amorosa”*, a aproximação entre Paulo Freire, bell hooks e Patrícia Hill Collins fundamenta uma pedagogia do amor como resposta política à negação da existência de corpos negros na academia.

A cultura aparece como espaço central de resistência em *“O que danço e vivo, eu mesma posso dizer”*, que discute o Hip Hop como prática emancipatória, e em *“‘Bastidores’: arte engajada e interseccional?”*, que analisa a obra de Rosana Paulino como denúncia estética das opressões seculares.

O artigo *“Mulheres negras de terreiro”* aborda a religiosidade afro-brasileira como campo de pedagogia ancestral, resistência ao racismo religioso e produção de saberes afrodiaspóricos.

Encerrando a seção, *“As interseccionalidades na esfera cultural do lazer”* evidencia como lazer, autoetnografia e território são atravessados por colonialidade, branquitude e necrobiopolítica, mas também por estratégias de enfrentamento e reexistência.



RESENHA: *Reflexões sobre o discurso de uma história única*

A resenha da obra “*O perigo de uma história única*”, de Chimamanda Ngozi Adichie, dialoga diretamente com o espírito do dossiê ao problematizar as narrativas únicas que sustentam estereótipos, apagamentos e desigualdades. A reflexão reforça a necessidade de múltiplas histórias, vozes e perspectivas para a construção de justiça epistêmica, convergindo com os fundamentos do pensamento feminista negro e da interseccionalidade.

CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

Este Dossiê reafirma a interseccionalidade como ferramenta analítica, prática política e compromisso ético com a justiça social. Ao reunir pesquisas situadas, plurais e engajadas, reafirma-se a potência do pensamento de Patrícia Hill Collins para iluminar desigualdades, tensionar estruturas de poder e fomentar práticas de resistência e emancipação no Brasil e na diáspora negra.

Essas contribuições, entre outras, refletem o compromisso comum com a produção de saberes insurgentes. Este dossiê afirma a interseccionalidade não apenas como conceito, mas como posicionamento ético-político, como modo de ver, pesquisar e transformar o mundo. Inspirados por Patricia Hill Collins, Lélia Gonzales, Carla Akotirene e por tantas outras, seguimos resistindo – conscientes de que, apesar das tentativas de silenciamento, a palavra se ergue, o corpo se ergue, o saber se ergue.

Still, we rise.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- COLLINS, P. H. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.
- COLLINS, P. H.; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Trad. Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.